

Lula, uma biografia “imediata”: a estratégia de Fernando Moraes para narrar a trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva

Lula, an “immediate” biography: Fernando Moraes’ strategy to
narrate the trajectory of Luiz Inácio Lula da Silva

Paulo Santos Silva*

Resenha: MORAIS, Fernando. **Lula:** biografia: volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Palavras-chave: biografia; história; Lula; prisão; século XXI.

Keywords: biography; History; Lula; prison; twenty-first century.

UMA TRAJETÓRIA a contrapelo, do presente para o passado. Esta foi a estratégia adotada por Fernando Moraes para começar o relato da vida de um homem que se transformou em compasso com as mudanças mais contundentes experimentadas por um país em décadas. Entre Luiz Inácio da Silva e Luiz Inácio Lula da Silva há um longo percurso e notáveis diferenças. Desses dois personagens emerge um terceiro: aquele criado pelo biógrafo com base em uma construção coletiva. Ele se chama Lula. Um nome simples e curto, assim como se chamaram outras criações biográficas de sua autoria: *Olga*, *Chatô* e *O mago*.

As biografias são as formas mais abertas e flexíveis, além de antigas, de narrar a vida das pessoas. Irredutíveis a conceitos e fórmulas rígidas, atenderam e atendem às demandas de cada contexto em que foram produzidas. Elas reverberam visões acerca dos indivíduos e das sociedades, como de resto ocorre com o conjunto da produção historiográfica. Em suas

* Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Teoria e Metodologia da História na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas-Ba. E-mail: pssilva@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4766-9134>.

diferentes formas de composição, têm sido escritas por uma gama diversificada de praticantes do gênero, de difícil classificação.

No âmbito da experiência brasileira das últimas décadas do século XX e início do século XXI, destacaram-se as biografias escritas por jornalistas e, mais recentemente, por historiadores de ofício. Estes, em vez de circunscrever suas abordagens ao acompanhamento linear de uma individualidade, lidam com “problemas”, na maioria das vezes, nos termos propostos por Lucien Febvre (1878-1956), ao escrever no começo do século XX a biografia de Martinho Lutero.¹

Ao problematizar uma existência singular, a abordagem biográfica, pelo menos é o que tem ocorrido com historiadores conscienciosos e qualificados, opera com o cruzamento de temporalidades, combinando diacronia e sincronia e articulando conjunturas e estruturas. O indivíduo é apanhado no jogo de escalas temporais que devem dar conta dos fluxos e dos sutis represamentos presentes no processo histórico cujo ritmo ora se acelera, ora retarda.

Apesar da variedade de perspectivas, é possível se referir a biografias “jornalísticas” e biografias “históricas”. Estas últimas relacionadas ao meio acadêmico e aquelas, na maioria dos casos, ao mundo da imprensa, quase sempre presas à lógica do mercado editorial e seus interesses mais urgentes de vendas. Da primeira modalidade, além das publicações do próprio Fernando Morais, conforme se verá adiante, tiveram notável êxito entre os leitores *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro, e *Mauá*, de Jorge Caldeira.² Quanto à segunda, destacam-se as obras de Júnia Furtado, *Chica da Silva e o contratador de diamantes*, e de João José Reis, *Domingos Sodré*, abordagens que narram trajetórias de indivíduos singulares, circunstanciando-as em perspectiva histórica, sem jamais se afastar dos nexos sociais em que se inscreveram os sentidos de suas vidas.³

Fernando Morais não é historiador. Na condição de jornalista, realizou uma obra que dialoga, em sentido amplo, com a história e com a historiografia. Trata-se, portanto, de alguém que pode ser visto ocupando certa interface dos referidos campos. Assim, situa-se diante de desafios que derivam dessa zona de intercâmbios.

Entre o sujeito e o objeto da biografia escrita por Fernando Morais, intitulada *Lula*, não há margens para ponderáveis distâncias. Com vantagens, desvantagens e riscos que essa condição acarreta, nela, o tempo da narrativa e o da escrita funde-se e se confunde. O biógrafo e o biografado são contemporâneos e mantiveram graus de aproximação no âmbito do espectro político e ideológico assim que passaram a atuar na esfera política. Enredados na teia de um tempo em acelerado movimento, os dois se encontram implicados no ir e vir de uma “história nervosa”, para usar uma expressão de Fernand Braudel (1902-1985), matéria

1 FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

2 CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; CALDEIRA, Jorge. **Mauá: empresário do império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

3 FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

muito mais afeita aos jornalistas, mesmo que os “historiadores de ofício”, sob outros critérios, se proponham a dela também tratar.

Desse modo, Fernando Morais escreveu uma biografia “imediate” ao narrar a trajetória incompleta de um indivíduo vivo e de seu próprio tempo. Há, por parte de pesquisadores que atuam na esfera acadêmica, relevantes trabalhos biográficos que se ocupam de pessoas vivas. Em alguns casos, os autores, munidos de ferramentas próprias de seu campo de especialização, conviveram de perto com os seus biografados. É o caso, por exemplo, de Vavy Pacheco Borges, com *Ruy Guerra: paixão escancarada*, e Benito Bisso Schmidt em seu *Flavio Koutzii: biografia de um militante*, obras elaboradas por docentes experimentados em questões teóricas acerca do gênero a que se dedicaram.⁴ Ambas as abordagens foram conduzidas obedecendo a recortes temporais precisos em razão do fato dos respectivos personagens estarem vivos ao serem convertidos em objetos biográficos. Portanto, o desafio de Fernando Morais guarda semelhança com aquele enfrentado pelas referências acima, mas seus propósitos são de outra natureza.

A possibilidade de uma história “imediate” ganhou certa legitimidade nos meios historiográficos a partir de um jornalista francês, Jean Lacouture (1921-2015), quando a historiografia francesa ampliou suas fronteiras temáticas, teóricas e metodológicas. Sob esse aspecto, Lacouture, que também foi biógrafo, se impôs como uma referência nos anos de 1970 ao publicar em *A história nova*, de Jacques Le Goff, o artigo “A história imediate”, em que refletia sobre a curta distância temporal entre o acontecimento vivido e o narrado por um autor imerso numa atmosfera de crise.⁵

Entre a biografia e a reportagem, o livro de Fernando Morais se inscreve numa tradição que se ocupou em narrar eventos e caracterizar personagens políticos marcantes em atividade enquanto se escrevia sobre suas ações em curso. Dessa tradição, podem-se citar alguns títulos do ensaísmo brasileiro, a exemplo de *Outubro, 1930*, de Virgílio A. de Melo Franco (1897-1948), político atuante em seu contexto de escrita, e o clássico *A verdade sobre a Revolução de Outubro - 1930*, de Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), publicado pela primeira vez em 1933, ainda no calor dos acontecimentos vividos.⁶

Fernando Morais escreveu uma biografia “jornalística”. Sobre ele não recai, portanto, as exigências que pesam sobre uma área especializada do saber, como vem ocorrendo com as chamadas biografias “históricas” ou “estudos de trajetória” de matriz acadêmica, que têm no livro de Regina Horta Duarte um exemplo pioneiro e fecundo.⁷

4 BORGES, Vavy Pacheco. **Ruy Guerra: paixão escancarada**. São Paulo: Boitempo, 2017. SCHMIDT, Benito Bisso. **Flavio Koutzii: biografia de um militante revolucionário – de 1943 a 1984**. Porto Alegre: Libretos, 2018.

5 LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins, 1990.

6 FRANCO, Virgílio A. de Melo. **Outubro, 1930**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; LIMA SOBRINHO, Barbosa. **A verdade sobre a Revolução de Outubro – 1930**. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

7 DUARTE, Regina Horta. **A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1991.

O fato de não ser um historiador não afasta Fernando Morais do âmbito das produções que dão a conhecer o passado sob um ângulo interpretativo. Ao contrário. O conjunto de suas obras demonstra preocupações com temas presentes no cerne do debate que atravessou o século XX acerca dos rumos políticos da América Latina e do Brasil em particular. Ainda que consistentes quanto aos fundamentos históricos dos relatos, não convém desconsiderar as estratégias de mercado do setor editorial que as promoveu. No papel de espectador, em grande parte engajado, seu viés biográfico sugere, ao se ater aos itinerários individuais, uma interpretação do país e de suas tensões e dilemas, sobretudo políticos. Seus biografados estiveram no centro de tramas que ultrapassaram fios idiossincráticos, atingindo amplo leque de questões. Lula é o mais expressivo deles.

Antes de chegar à biografia de Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Morais já havia escrito outros livros de natureza biográfica. O primeiro foi *Olga*, embora tenha chamado o livro de “reportagem” sobre a vida de Olga Benário Prestes (1908-1942).⁸ Trata-se de uma publicação que gozou de grande êxito, sobretudo entre leitores que se identificavam com projetos políticos da esquerda ao longo da história do país e do papel do Partido Comunista do Brasil, o antigo PCB, fundado em 1922. O segundo, *Chatô*, ocupou-se da vida de Assis Chateaubriand (1892-1968), que reconta o itinerário de um jornalista e empresário do universo da grande imprensa durante décadas do século XX.⁹ O terceiro contou a trajetória do escritor Paulo Coelho, cuja biografia recebeu um título que corresponde ao perfil que o biografado terminou construindo para si e impondo aos seus milhões de leitores pelo mundo: *O mago*.¹⁰

Nas biografias aqui mencionadas, o jornalista se ocupa de acontecimentos em torno da vida de pessoas singulares. Mas eles tiveram, em termos sociais e políticos, inserções ou entrelaçamentos distintos com o entorno, em função das circunstâncias e dos contextos históricos que as envolveram e que elas contribuíram para definir os contornos. Trata-se, certamente, de personagens muito diferentes sob numerosos aspectos, porém com traços de identidade que motivaram os relatos de suas experiências.

As obras publicadas por Fernando Morais exprimem a trajetória intelectual e política do autor configurando um relato de experiências compartilhadas de amplo espectro. Seus livros são também relatos autobiográficos, além de registrar momentos da historiografia do gênero biográfico no Brasil. Tanto as personalidades a que se dedicou quanto as editoras que publicaram seus livros chamam a atenção para um momento da história do país que se abria para experimentar certa “transição” rumo à “democracia”, tendência decorrente do fim da ditadura instaurada com o golpe de 1964.

Cabe lembrar que *Olga* foi publicado em 1985, pela Alfa-Omega, uma editora responsável por lançar obras que se identificavam pela oposição à ditadura. Essa mesma editora já havia

8 MORAIS, Fernando. *Olga*. 2ª ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

9 MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

10 MORAIS, Fernando. *O mago*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

publicado um de seus *best-sellers*, em 1976, *A Ilha (um repórter brasileiro no país de Fidel Castro)*.¹¹ Trata-se de um livro de reportagem que correu o mundo e que se tornou uma referência para militantes que resistiam à ditadura, figurando seu título ao lado de numerosos lançamentos memorialísticos e ficcionais de denúncia do regime.

Ao que parece, Fernando Morais tem consciência de que um biógrafo, ao contar a vida de um indivíduo, constrói um personagem. A noção de enredo e trama destaca-se em sua história da vida de Olga Benario. As primeiras páginas da obra sobressaem-se pela força descritiva ao narrar a ação heroica da militante audaciosa. Sob essa perspectiva, seu terceiro grande personagem, depois de Chatô, foi o escritor Paulo Coelho. Trata-se da biografia de um homem vivo com quem estabeleceu algum tipo de pacto para escrever a história de sua vida até o ano de publicação da obra em 2008. Como a trajetória do autor de *O diário de um mago* foi marcada por lances que se multiplicaram e tiveram seus sentidos ampliados ao suceder dos romances que escreveu, talvez não tenha sido tarefa muito difícil chegar ao resultado que chegou em *O mago*, título da biografia, repleta de lances surpreendentes.

Por mais que se suponha que o jornalista tenha encontrado um personagem quase pronto, à espera de um autor, convém ressaltar a maestria de Fernando Morais na construção do perfil que emerge da leitura de sua obra. O “mago” é uma invenção do biógrafo, embora muito de acordo com representações disseminadas pelo próprio biografado.

Para construir seu personagem, Fernando Morais acompanhou Paulo Coelho e viveu com ele situações singulares. Teve acesso a documentos intocados e entrevistou numerosos conhecidos, amigos e parentes do escritor. Sua prosa biográfica começa no presente. O tempo da escrita e o dos episódios se reveza. Há, portanto, um Paulo Coelho com quem ele conviveu e um outro, que lhe chegou através de narrativas que não são senão outras tantas representações discursivas de diferentes colorações e matizes de origens diversas. Um dos seus desafios consistiu em identificar quem foi o seu biografado e a multiplicidade de personagens que emergiram em distintos contextos.

Determinados procedimentos adotados na escrita da biografia de Paulo Coelho foram reempregados por Fernando Morais na elaboração da biografia de Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse sentido, quanto a certos aspectos operacionais, uma biografia liga-se à outra. Assim como se deu no processo de pesquisa e escrita da trajetória do autor de *O alquimista*, Fernando Morais conviveu com o líder metalúrgico bem de perto. Compartilhou circunstâncias, ouviu pessoas próximas, conferiu informações, reconstituiu contextos, visitou lugares.

Se, por um lado, é possível identificar semelhanças nos procedimentos investigativos, por outro, saltam aos olhos traços do estilo que o caracterizam na condição de narrador. Fernando Morais sempre iniciou suas biografias com boas frases. De forma recorrente, na primeira linha já pode chamar e segurar a atenção do leitor. *Olga* começa assim: “Tudo

11 MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. p. 33.

aconteceu em menos de um minuto” (p. 1). Em *Chatô*, se alonga, mas não perde o efeito: “Inteiramente nus e com os corpos cuidadosamente pintados de vermelho e azul, Assis Chateaubriand e sua filha Teresa estavam no chão, mastigando pedaços de carne humana” (p. 13). O mesmo se verifica em *O mago*: “Em feio e cinzento entardecer de maio de 2005, o enorme Airbus A600 branco da Air France pousa suavemente na pista molhada do aeroporto de Ferihegy, em Budapeste” (p. 11). Finalmente, em *Lula*: “A atmosfera era de um modorrento fim de expediente como qualquer outro” (p. 11). O recurso às estratégias literárias evidencia-se, sugerindo um “efeito de realidade” bem encaixado.

Esses modos de dizer não são meras coincidências, mas algo que remete a um estilo ou um método. Portanto, resultado de um procedimento planejado. Os títulos são todos curtos. As primeiras linhas puxam o leitor para dentro da narrativa. Em todos os parágrafos iniciais, há uma indicação do tempo com certa margem de precisão. No caso da biografia de Lula, depois da primeira sentença, vem a segunda com este traço: “Faltavam alguns minutos para as seis horas da tarde da quinta-feira 5 de abril de 2018 [...]” (p. 11). A minudência do marcador temporal sugere uma observação sob a ordem do detalhe.

As biografias de Fernando Morais apresentam um compromisso evidente com o “acontecimento”, com o “episódio”. Essa escolha confere ao texto ritmos que se adequam a um leitor que começou a acompanhar a trama, atraído por desdobramentos e desfechos rápidos. A singularidade dos personagens se impõe. Isso não impede, porém, o biógrafo de descer a camadas mais profundas, desacelerar e mostrar o peso de determinados fatores condicionando o itinerário do biografado. Esse aspecto aparece em *Lula* como uma necessidade do autor de mostrar sua responsabilidade para com uma personalidade que realizou uma síntese possível de um certo país em dado tempo.

O livro publicado acerca da trajetória de Lula resultou da inviabilidade de condensar em um só volume o conteúdo da longa reportagem em torno de 20 anos entre cogitações, interrupções, articulações e investigações sobre a vida do personagem em questão. De partida, quando pensou em escrever a obra, Fernando Morais supôs que poderia gozar de certa margem de isenção. Se, por um lado, conheceu de perto o movimento sindical e grevista de onde proviera Lula, por outro, não havia sido do Partido dos Trabalhadores nem era “amigo” do líder do ABC. Essa condição não impediu o biógrafo de ter acesso a contextos pessoais sensíveis, a exemplo do período em que se recuperava de um câncer, quando prestou depoimentos ao autor.

O distanciamento não foi um princípio de orientação de investigação, nem uma premissa para assegurar “objetividade” no empreendimento. Pelo contrário. O biógrafo procurou se aproximar o máximo possível como condição mesmo para atingir seus propósitos, conforme confessa no posfácio: “Excluída a Oceania, acompanhei Lula por todo o planeta” (p. 419). Em viagens internacionais que o escritor teve as mais fecundas oportunidades de ver e ouvir o biografado, atuando como testemunha.

A condição de testemunha de algumas circunstâncias tem vantagens e desvantagens a serem consideradas. Timothy Garton Ash, historiador inglês, ao acompanhar o processo que levou ao fim da União Soviética e à queda dos regimes do Leste Europeu, reconheceu a importância de estar lá, bem no centro dos acontecimentos, vivendo um momento singular. Reconhece que o ponto de vista dele foi “único”, porém pondera: “A testemunha só pode estar em um lugar em um momento, e tende a atribuir importância exagerada ao que viu ou ouviu pessoalmente.” Ele compara com a perspectiva historiográfica: “O historiador pode juntar todas as narrativas das testemunhas e, geralmente, não é influenciado por essa experiência em primeira mão. O que acontece depois muda a nossa visão do que ocorreu antes. O historiador costuma saber mais sobre o que aconteceu depois, simplesmente porque escreve mais tarde”.¹²

Fernando Morais escreve a primeira parte da biografia de Lula na condição de alguém que observa os acontecimentos de um lugar privilegiado. De dentro, no calor de alguns episódios, o que não quer dizer que tenha entendido exatamente o que estava ocorrendo. Não teve como perceber o desdobramento de ações que ainda exigem recuo temporal. Muito do que presenciou e narrou continua e continuará a produzir efeitos, alguns imprevisíveis. Fez o registro de onde estava e conforme viu. Presenciou o que nenhum futuro biógrafo terá oportunidade de presenciar. Nesse sentido, converteu-se imediatamente, ele próprio, em fonte. Não há dúvida quanto ao fato de que a obra que escreveu nasceu ao mesmo tempo como “documento” e “monumento”, para usar as expressões de Jacques Le Goff (1924-2014) empregadas em outros contextos.¹³ Ela registra, celebra e homenageia, sem que incorra no risco deliberado de construção de uma peça laudatória.

A aproximação da escrita do jornalista da forma como os romancistas desdobram seus enredos estreita-se ao longo da obra. O recurso do discurso direto com o uso de diálogos, descrições detalhadas de ambientes e circunstâncias, ressaltando emoções possíveis ou prováveis e certo suspense na sequência da trama intensificam o intercâmbio de linguagens entre a historiografia, o jornalismo e a ficção. O “efeito de realidade” alcançado pelo autor atrai o leitor e o mantém atento aos passos do personagem em seus movimentos desde a infância, fase que emerge somente a partir do nono capítulo do livro. Avançando e recuando na linha do tempo, o itinerário de Lula é mostrado das origens miseráveis em um quadro familiar desconfortável, sob aspectos materiais e psicológicos, aos instantes tensos da prisão, episódio com que inicia narrativa.

Fernando Morais ocupou-se inicialmente dos episódios que vão da prisão à soltura de Lula. De saída, trata-se de uma longa reportagem. Até certa altura da obra, uma linha se destaca na composição do personagem: sua reiterada condição de inocente. Ora colocada

12 ASH, Timothy Garton. **Nós, o povo**: a revolução de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 23.

13 LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

no discurso direto de Lula, ora invocada pelo narrador, a palavra “inocência”, ou outras do mesmo campo semântico, reponta ao correr do texto.

O encerramento do sexto capítulo com o evento da soltura sugere coroar e confirmar a tese da condenação injusta assumida pelo relato. Mais uma vez, há aí estreitamento entre o tempo vivido e o tempo grafado: um dos últimos acontecimentos registrados pelo autor, para fechar essa parte do livro, é o dia 8 de março de 2021, quando o ministro Edson Fachin anulou todas as condenações do ex-presidente decorrentes da operação Lava Jato (p. 159).

A partir do capítulo sete, tem início o que parece apropriado classificar como uma biografia no sentido estrito. O jornalista recua no tempo para encontrar o líder metalúrgico à frente de uma greve e às voltas com a repressão policial que procurava vigiá-lo e intimidá-lo sob a atmosfera da ditadura em vigência no país. Começa, então, a “biografia jornalística” elaborada pelo escritor.

Em estilo sóbrio, a vida de Lula é mostrada como fio de uma trama ampla e complexa. Uma série de temas caros à sociologia e à historiografia entra no raio de observação do biógrafo, a exemplo da miséria do Nordeste, envolvendo migrações, perdas de referências simbólicas, violências, transformações agudas nas condições e no estilo de vida. A biografia torna-se mais social e cultural. O livro dá a ver como os impactos da “modernização” se fizeram presentes na trajetória de um indivíduo, traço comum a um número incontável de pessoas deslocadas de suas origens de todo o país rumo ao Sudeste, notadamente São Paulo.

As contingências de morte foram tratadas pelo biógrafo como algo recorrente na vida de Lula. O falecimento da esposa, do irmão e do neto, este como o mais dolorosamente sentido, no contexto de turbulência da operação Lava Jato e da prisão, foram tomados como episódios marcantes em sua trajetória. A questão das perdas de entes queridos é ressaltada para se referir a etapas anteriores, como a morte da primeira companheira, o que eleva a intensidade dramática do relato com todos os efeitos que disso resulta para a construção do sentido da vida de Luiz Inácio Lula da Silva.

Transcorrido um pouco mais de um terço, o relato incorpora a experiência direta de Lula no mundo do trabalho fabril. Entram também as origens do Partido dos Trabalhadores e seu envolvimento com setores da Igreja Católica a partir das greves e da luta sindical em plano nacional e internacional. A última década da ditadura constitui-se no recorte temporal em que o líder metalúrgico emerge, torna-se, faz-se. Da condição de indiferente à política, tanto sindical quanto político-partidária, vê-se, aos poucos, aparecer um novo indivíduo em mudança acelerada, alterando práticas e discursos. Insinuam-se, dessa forma, as possibilidades de uma espécie de pacto biográfico entre o jornalista e a liderança em formação que se converterá em protagonista, nos anos subsequentes, a partir de 1975, na luta dos trabalhadores e na formação de um partido. Lula produziu e ampliou as imagens acerca de si em torno dessas origens. A biografia de Fernando Morais as subscreveu.

É tarefa das mais difíceis não incorrer em certa “ilusão biográfica”, expressão de Pierre Bourdieu (1930-2002), sobretudo quando se trata de contar a trajetória de um líder de massas. Por vezes, na condução de seu relato, Fernando Morais pode ter caído nessa armadilha do gênero. Sobressai, entretanto, o cuidado com a historicidade do biografado. Arrastando seu personagem no espaço e no tempo, indo e vindo, Morais mostra uma vida que se tornou pública em razão de uma causa coletiva com a qual Lula se identificou, não sem hesitações e dúvidas. Construindo seu personagem como um processo, o escritor foi obrigado a se ocupar de seus vínculos sociais e políticos, afastando a estratégia da construção de um “herói” sob modelos há muito superados, mas que sobrevivem, ora de forma sorrateira, ora por descuido ou deliberadamente em muitos ensaios biográficos.

Honesto, injustiçado e inocente. Talvez essas sejam algumas das marcas mais contundentes do perfil do biografado construído pelo jornalista. Não há como desconsiderar certa função de libelo que o texto biográfico cumpre no contexto de sua publicação. Apesar da parcialidade ou imparcialidade da pesquisa, da escolha das fontes escritas ou orais, da precisão das informações, da evidência das provas, o relato biográfico funciona como uma peça de defesa de Luiz Inácio Lula da Silva.

Uma das estratégias de escrita para que esse efeito se efetive consistiu, nesse caso, em mostrar em retrospectiva de onde veio o homem que ocupa os primeiros capítulos do livro. Esse homem no passado se chamou Luiz Inácio da Silva. É sua história que contribui, de certa forma, para sua absolvição, mesmo que para isso seja evocado um recurso retórico, a exemplo dos ensinamentos da mãe sobre o dever da “honestidade”.

Ainda que fundada em fontes, com larga margem de verificabilidade, é a forma de contar e organizar a trama que confere sentido aos acontecimentos de uma vida. Sob esse aspecto, biógrafo e biografado dialogam de modo a não estabelecer concorrência de narrativas. No livro, Lula “fala”, o que se dá na forma do “discurso direto”, como se procede na construção de textos ficcionais, dispositivo recorrente em obras biográficas em seus diálogos com a prosa romanesca.

Não se trata, porém, de uma “hagiografia”. As incoerências, as incertezas, os acasos, as misérias, as dúvidas, a ausência de predestinação estão presentes no texto como fatores que conformam uma trajetória que vai se construindo num percurso errático. Pensado a partir da historicidade do personagem e suas contingências sociais e políticas, trata-se de um percurso que se afasta do caso único e singular para se aproximar do itinerário de muitos, em dimensões coletivas, algo que se identifica com a história do país nos marcos temporais da vida do biografado.

Nessa biografia, anunciadamente incompleta, aparecem com nitidez marcas de seu tempo de escrita. Nesse sentido, opera como uma fonte para se escrever a história da segunda metade do século XX e do começo do século XXI. Ao tempo em que se articula com o poder, uma vez que o edifica como “monumento”, perpetuando-o de forma voluntária ou involuntária,

a obra de Fernando Morais preserva uma memória coletiva e encena o jogo entre objetividade e subjetividade em que os atores históricos agem simultaneamente como sujeito e objeto do discurso biográfico.

Recebido em 14/11/2022

Aprovado em 30/11/2022